

RÉPLICA A ERNEST SOSA¹

Peter F. Strawson^{*}

Tradução: Itamar Luís Gelain^{**}

Revisão da Tradução: Jaimir Conte^{***}

A imagem do senso comum sobre o meio ambiente físico de cada um de nós é vista, frequentemente e de um modo correto, como representando os objetos materiais da percepção como coisas dotadas de uma experiência independente, *inter alia*, como propriedades visuais e táteis, cores notáveis e texturas perceptíveis. A explicação cientificamente inspirada dos mesmos objetos é igualmente sustentada frequentemente para implicar a negação de que aqueles objetos possuem real e objetivamente tais qualidades secundárias como a cor. Os dois pontos de vista, assim entendidos, parecem estar em conflito direto entre si. O Professor Sosa compartilha minha relutância em aceitar essa conclusão. “Preferiria”, diz, “alguma maneira de combinar o senso comum e a ciência sem declarar com isso que um deles está completamente errado”. Ele considera a sugestão que fiz no artigo *Perception and its Objects* como um caminho para fazer isso, mas acha suas consequências ‘intoleráveis’. E então busca um caminho melhor.

Minha sugestão foi que deveríamos assinalar uma diferença clara entre os dois pontos de vista. O ponto de vista da percepção humana, por um lado, e o ponto de vista do realismo científico, por outro – e aceitar a ‘relatividade’ de um ou outro desses pontos de vista sobre suas respectivas concepções das propriedades reais dos objetos físicos. A relativização dissolve o conflito. O que é que o professor Sosa acha intolerável aqui? Bem, o professor Ayer, em seu comentário, sobretudo simpático, sobre meu trabalho, parece aceitar que cada ponto de vista – ou como ele prefere dizer, cada teoria - é em seus próprios termos coerente e que somos livres para ‘escolher’ entre eles. Na realidade, parece sustentar que não somos tão

¹ “Reply to Ernest Sosa”. In: CAORSI, Carlos E. (Ed.). **Ensayos sobre Strawson**. Montevideu: Universidad de la República/Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1992, p.160-161.

^{*} Filósofo inglês do Grupo de Oxford, com uma extensa publicação.

^{**} Professor no Centro Universitário – Católica de Santa Catarina/ CATÓLICASC. E-mail: itamarluis@gmail.com

^{***} Professor do Departamento de Filosofia da UFSC. E-mail: conte@cfh.ufsc.br.

somente livres, mas que estamos obrigados a escolher. Cito: “isto implica”, diz, “que em última instância é um assunto de escolha”.

É justamente esta posição a que o professor Sosa acha intolerável. E com razão. Mas penso que a conclusão é prejudicial, não para a minha proposta relativista, senão para o que Ayer considera como suas implicações. Se isto é na realidade assunto de uma escolha forçada entre concepções rivais, alguém deveria verdadeiramente perguntar-se a partir de que ponto de vista racional poderia ser feita; e dada a resposta de que não há isso, deveria seguir-se que nenhuma escolha racional poderia ser feita. Mas, meu ponto era que não há problema ao fazer uma escolha, que a verdade última reside no reconhecimento da relatividade; que inclusive podemos, e muitos o fazem, adotar ambos os pontos de vista; sendo dominante um ou outro num momento dado, dependendo das preocupações do momento.

Permitam-me voltar-me agora para a própria posição do professor Sosa sobre a reconciliação entre senso comum e a ciência. O exemplo que ele escolheu se concentra no conceito fenomênico de ‘peso’ ou ‘gravidade’ claramente distinguido mediante o conceito teórico-científico de ‘massa’. Mas vou introduzir o exemplo mais familiar de cor. Ele concede facilmente ao ponto de vista científico que uma explicação científica ou uma explicação da experiência de ver um objeto como sendo, digamos, vermelho, não nos faria apelar para a vermelhidão objetiva do objeto; mas acrescenta que, todavia, o conceito de vermelhidão objetiva é totalmente correto. Isto não é ‘exigido’ pela explicação científica, mas tampouco é ‘excluído’ por ela. Ora, seria viciosamente circular oferecer uma definição constitutiva da vermelhidão como aquela que é (normalmente) a causa de uma experiência de vermelho e uma definição constitutiva da experiência de vermelho como aquela que é (normalmente) causada pela vermelhidão objetiva; com isto faríamos a identificação de cada dependente sobre a identificação prioritária do outro. Mas não há circularidade ao afirmar que a experiência visual relevante pode ser ‘descrita’ somente como aquela experiência (padrão, no sentido primário ou normal) na qual se vê objetivamente algum objeto vermelho. A discriminação de objetos objetivamente vermelhos ‘como aqueles’ com a força da experiência visual assume agora seu papel central na história sem nenhuma necessidade de supor uma identificação independente ou prioritária da ‘experiência’ visual do vermelho. A ‘cor’ dos objetos é vista assim como relativa à experiência visual humana sem impugnar sua objetividade.

Esta proposta do professor Sosa me parece bastante correta. Mas, não posso abster-me de acrescentar que não me parece que ela está em concorrência com a minha quando o que disse recentemente é entendido corretamente. Na realidade me sinto inclinado a dizer que ela é no essencial a mesma que a minha – embora expressada de um modo mais suave e menos provocativamente – o que é em si mesmo um mérito considerável na medida em que melhora as distintas propostas que geralmente foram consideradas aceitáveis.
